

A extrema-direita na Guerra Fria: A. C. Pacheco e Silva e o projeto político-pedagógico da Confederação Anticomunista Latinoamericana (Brasil, 1974)

The far-right in the Cold War: A. C. Pacheco e Silva and the Latin-American Anticommunist Confederation (CAL) political-pedagogical project (Brazil, 1974)

Rodolfo Costa Machado¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (Cogea/PUC-SP)
São Paulo, São Paulo, CEP 05014-901, Brasil

Resumo: Joga-se luz à *pedagogia do inimigo comunista* de importante reacionário brasileiro – o médico eugenista, professor de psiquiatria e empresário Antonio Carlos Pacheco e Silva – defendida no Brasil em 1974 na II Conferência da Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL). Resgata-se seu papel no golpe de 1964 contra Jango via Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS). Destacam-se a filiação da extrema-direita brasileira na CAL e a participação de Pacheco e Silva nela. Resume-se a cosmovisão do plano político-pedagógico da *Comissão contra a Subversão em Escolas e Universidades* apresentado ao congresso da CAL de 1974. Contribui-se à crítica historiográfica do internacionalismo anticomunista da Guerra Fria, explicitando a presença brasileira na internacionalização das extremas-direitas via Pacheco e Silva e CAL. Compulsaram-se a literatura especializada e as fontes do Serviço Nacional de Informações da ditadura militar.

Palavras-chave: Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS); Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL); golpe de Estado de 1964; ditadura militar; Antonio Carlos Pacheco e Silva.

Abstract: This paper illuminates the pedagogy of the communist enemy as promoted by a significant Brazilian reactionary—eugenicist, psychiatrist, professor, and businessman Antonio Carlos Pacheco e Silva—during the 1974 II Conference of the Latin-American Anticommunist Confederation (CAL) in Brazil. It examines his involvement in the 1964 coup d'état against João Goulart, facilitated through the Institute of Social Studies and Research (IPÊS). The paper underscores the Brazilian far-right's affiliation with the CAL and Pacheco e Silva's influential role within it. It further explores the political-pedagogical vision articulated by the Commission Against Subversion in Schools and Universities, presented at the 1974 CAL Congress. This study contributes to the historiographical critique of Cold War anticommunist internationalism by highlighting Brazil's role in the global far-right movement's internationalization through Pacheco e Silva and

¹ Doutor em História pela PUC-SP, com estágio de doutorado sanduíche na Columbia University nos EUA (Fulbright-Brasil). Foi pesquisador da Comissão Nacional da Verdade e do Projeto “Responsabilidade de Empresas por Violações de Direitos durante a Ditadura Militar”, do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal do Estado de São Paulo. Pesquisador do Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder e do Centro de Estudos de História da América Latina, ambos na PUC-SP, e da “Red Internacional de Estudios sobre el Estado de Excepción y el Terrorismo de Estado” (Redet), da Universidade de Oviedo, Espanha, e da rede “The Rise of the Right Against Rights: Global (Dis)Order in Latin America and Beyond”, da Universidade de Oxford, Reino Unido. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8639-3550>. E-mail: rod.cmachado@gmail.com.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

the CAL. The analysis is based on a thorough review of specialized literature and sources from the National Information Service of the Brazilian military dictatorship.

Keywords: Institute of Social Studies and Research (IPÊS); Latin-American Anticommunist Confederation (CAL); 1964 coup d'état; military dictatorship; Antonio Carlos Pacheco e Silva.

Diante da ascensão de movimentos e governos de ultradireita no Brasil e no mundo no entreabrir do século XXI, duas dimensões inscritas e desdobradas por essa dinâmica extremista aparentam à primeira vista um ineditismo absoluto, a saber: o internacionalismo das extremas-direitas e o ataque global que promovem contra a educação laica e humanista. Sendo inegável que movimentos como o trumpismo e o bolsonarismo atingiram um nível qualitativo inédito de internacionalização e de ataque contra a pedagogia laico-humanista, o século XX (em especial em seu período de Guerra Fria), sob o signo do poder da ideologia anticomunista, foi palco de uma expressiva aglutinação global das direitas radicais e de uma propositura político-pedagógica obscurantista, anti-humanista, extremista e exterminista.

Este artigo lança luz a um desses antecedentes histórico-ideológicos a partir de um caso concreto: a internacionalização de uma linhagem específica da extrema-direita nacional efetivado pela ação de um cruzado anticomunista brasileiro. Trata-se do caso do médico psiquiatra, ideólogo e militante político Antonio Carlos Pacheco e Silva. Depois de tracejar seu perfil histórico-ideológico, destacando sua participação no golpe de Estado (e de classe) de 1964, destaca-se centralmente sua proposta político-pedagógica apresentada em 1974 à Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), o órgão regional na América Latina da Liga Mundial Anticomunista (WACL).

Acompanhando, assim, a especificidade dessa individualidade sócio-histórica, no marco das lutas de classes no Brasil e suas conexões transnacionais, bem como suas interações com movimentos e organizações anticomunistas civis e militares, reconstitui-se abaixo essa concretude a partir dos aportes da historiografia clássica e da mais recente, consultando-se ainda fontes primárias pertinentes ao tema e atualmente depositadas no Arquivo Nacional do Brasil.

1. Antonio Carlos Pacheco e Silva: um cruzado anticomunista influente, longo e transnacional



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Antonio Carlos Pacheco e Silva foi um expressivo cruzado anticomunista brasileiro. Sua militância no espectro da extrema-direita brasileira, além de influente e longeva, particulariza-se por suas azeitadas conexões transnacionais com congêneres conservadoras e reaciconárias. Antes de jogar-se luz a seu engajamento no organismo regional da Liga Mundial Anticomunista (WACL) na América Latina, a Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), em especial no seu papel de presidente e sistematizador de proposta político-pedagógica de uma comissão da CAL encarregada de combater e exterminar a “subversão” nas universidades e escolas, demarcam-se inicialmente alguns aspectos histórico-biográficos e ideológicos de sua trajetória pregressa.

Nas décadas de 1920 e 1930, em São Paulo, Pacheco e Silva militou no Partido Democrático (PD) e no Partido Constitucionalista (PC). Tornou-se tenente da reserva do Exército durante a “Revolução de 1924”, sendo promovido a capitão no mesmo período ao assumir a direção do hospital psiquiátrico do Juquery, na Grande São Paulo. Em 1932, foi um dos fundadores da Milícia Civil Paulista congregada no M.M.D.C. (TARELOW, 2018, p. 62). Batizada com as iniciais dos sobrenomes de quatro estudantes mortos em maio de 1932 durante protesto contra o presidente da República Getúlio Vargas², o M.M.D.C. organizou uma mobilização cívico-militar na Guerra Civil e na assim chamada “Revolução” Constitucionalista de 1932, lançada contra o regime político varguista instaurada pela também chamada “Revolução” de 1930. Tendo como seu mentor político o interventor e futuro governador de São Paulo Armando de Sales Oliveira, elegeu-se Deputado Constituinte Federal em 1933 e Deputado Constituinte Estadual em 1934 (TARELOW, 2018, p. 62).

Nessa condição de médico-deputado, levou à arena política o seu extremismo racista. Não é exagero designar Pacheco e Silva como um supremacista branco, ideário inscrito em seu eugenismo. Como esclarece o historiador Gustavo Querodia Tarelow, o médico-deputado defendeu que o Serviço Imigratório brasileiro deveria dar prioridade às “raças superiores”, “ao passo que os africanos, asiáticos e latino-americanos de ascendência indígena deveriam ser evitados. No fundo, com isso, o seu objetivo era ‘branquear’ o país, eliminando gradativamente os indivíduos que não correspondessem à ‘estética eugênica’” (TARELOW, 2018, p. 239). Com essa finalidade, apresentou propostas de seleção imigratória à Assembleia Constituinte de São Paulo buscando

² Mário Martins de Almeida, Euclides Buena Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Camargo de Andrade.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

“oficializar o incentivo estatal à introdução dos imigrantes europeus arianos e proibindo que pessoas advindas de outros continentes aportassem no Brasil” (TARELOW, 2018, p. 239)³. Isso porque, segundo o ideário eugenista do médico-deputado:

A nossa experiência mostra que a assimilação das raças brancas do sul da Europa se faz com grande rapidez e muitas vantagens. O Dr. Paulo Azevedo Antunes, um dos estudiosos desses assuntos entre nós, demonstrou, em exaustivo trabalho, a superioridade da raça ariana, concluindo: ‘[...] depreende-se, e o bom senso faz supor, que o cruzamento da raça branca com qualquer das outras duas será um prejuízo para a primeira sob o ponto de vista intelectual. Baseados nisto, quando tivermos de escolher o imigrante para o nosso país devemos procurá-lo na raça branca e evitar a todo o transe que se introduzam imigrantes pretos e amarelos (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 240).

De 1945 em diante, Pacheco e Silva integrou-se ao partido conservador constituído em oposição ao Estado Novo varguista, a União Democrática Nacional (UDN), posteriormente se opondo à aliança entre o udenismo com o Partido Trabalhista Nacional (PTN), de Jânio Quadros, em 1960 (TARELOW, 2018, p. 62). Antes disso, porém, ainda na década de 1950, Pacheco e Silva conectou-se à Escola Superior de Guerra (ESG). Em carta a seu primeiro diretor, o antigo líder tenentista e general Oswaldo Cordeiro de Farias, “colocou-se à disposição para uma organização mais efetiva contra aqueles que desejam ‘implantar entre nós o regime marxista’” (TARELOW, 2018, p. 252).

Na carta de 1950 resgatada pelo historiador Gustavo Querodia Tarelow, Pacheco e Silva saudou o empenho de Cordeiro de Farias no sentido de combater “a onda subterrânea que vem solapando progressivamente as nossas instituições, buscando implantar entre nós o regime marxista”, reforçando ao general a necessidade de prosseguir na campanha anticomunista de “preparo psicológico do nosso povo” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 252). Pacheco e Silva enviou ao primeiro diretor da ESG Cordeiro de Farias algumas publicações sobre a “psicologia das massas e o emprego adequado dos métodos de difusão de ideias”, “arma poderosa,

³ A atuação de Pacheco e Silva por medidas eugênicas estritas, o que chegou a ser denunciado como “radicalismo” por um deputado integralista como Fairbanks, foi elogiada, por outro lado, por seu primo Aristides do Amaral, nos seguintes termos: “São Paulo, 22 de fevereiro de 1934. Presado primo e amigo Antonio Carlos: Aceite os meus vivos parabéns pelo seu belo discurso sustentando a emenda paulista que obriga os poderes públicos a cuidar da educação eugênica e social. Só assim o Brasil deixará de receber o despejo da escória de todos os países” (AMARAL *apud* TARELOW, 2018, p. 240).



tanto no preparo dos soldados e da retaguarda, como na ofensiva e na defensiva do que se convencionou chamar de ‘guerra dos nervos’” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 252).

O nexos institucional da ESG com Pacheco e Silva permitiu que este ideólogo e homem de ação da extrema-direita brasileira, ostentando sua condição de renomado profissional e docente de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), levasse à escola militar em questão uma perspectiva ideológica de “patologização” dos movimentos, grupos e indivíduos ligados à esquerda. Estabeleceu em suas alocações e publicações junto à ESG “o que considerava ser o caráter ‘psicopático’ dos militantes de esquerda, além de uma série de registros sobre o anseio de seu grupo político em implantar um regime de força e rigidez para eliminar a ‘esquerda revolucionária’ no Brasil” (TARELOW, 2018, p. 248).

Além de tratar indivíduos, grupos e movimentos de esquerda como casos de desvio patológico anormal – “esquerdopatas”, na terminologia reacionária atual –, Pacheco e Silva ainda comungava com a ESG dois dos pilares ideológicos básicos da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento desenvolvida naquela escola militar, o anticomunismo e a crença na incapacidade do “povo” de conduzir-se politicamente de maneira autônoma (RAGO FILHO, 1998)⁴. Dessa maneira, a ESG representou a Pacheco e Silva “um espaço privilegiado de militância política” e, a partir de 1958, momento em que ingressou no corpo dessa escola de guerra do anticomunismo brasileiro, “sua retórica passou a ser cada vez mais incisiva, patologizando e criminalizando os movimentos sociais e operários, compondo um arsenal teórico sobre o que chamou de ‘guerra psicológica’ e ‘guerra subversiva’” (TARELOW, 2018, p. 248).

A partir da ESG e de um poderoso *think tank* político-militar-empresarial ligado a ela, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), Pacheco e Silva engajou-se no processo de desestabilização e derrubada golpista do governo trabalhista de João Goulart (1961-1964).

⁴ Como escrevera em 1947 – antes de ingressar na ESG em 1958, portanto –: “O povo não está ainda suficientemente educado para se valer dos seus direitos políticos, deixando-se frequentemente embair pelos discursos e pelas promessas dos mais audazes e irresponsáveis, julgando os homens mais pelas suas palavras, menos pelos seus atos. A bandeira que tem como símbolo a foice, companheira inseparável da morte, e o martelo da demolição, é impunhada por um grupo atacado de verdadeiro fanatismo, que se prevalece das liberdades democráticas para asfixiar a própria Democracia, procurando instalar entre nós a pior das tiranias de todos os tempos, o mais intolerante dos despotismos, a mais execrável das servidões” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 248).



1.1. Pacheco e Silva na conspiração anti-Jango do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS)

O historiador e cientista político uruguaio-brasileiro René Armand Dreifuss destrinchou como “a elite orgânica” organizada em dois *think tanks*, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, o complexo IPÊS/IBAD, organizou e lançou a vanguarda do golpe de Estado (e de classe) de 1964 contra a plataforma político-econômica popular e trabalhista do governo Jango.

Ao IPÊS coube desenvolver uma sofisticada ação política no sentido de coesionar e despir de particularismos “as diferentes frações das classes dominantes”, orientado pela “necessidade de se movimentar em torno da formação do espírito burguês de classe” (DREIFUSS, 1980, p. 168). A conscientização ideológica de uma vanguarda do grande empresariado brasileiro associado aos centros hegemônicos do capitalismo global, assim, constituiu um dos feitos inegáveis do complexo IPÊS/IBAD, capaz de “infundir sentido de consciência de classe em relação às tarefas que as classes empresariais” assumiram em uma guerra política, em conexão com militares golpistas, contra João Goulart (DREIFUSS, 1980, p. 168).

O eixo centralizado no IPÊS carioca e paulista esteve coordenado com centros similares, “tais como o IPESUL (Rio Grande do Sul), o IPES Pernambuco, o IPES Belo Horizonte, o IPES Paraná, o IPES Manaus, o IPES Santos e outros centros menores” (DREIFUSS, 1980, p. 172). “A instituição era dirigida por um Conselho Orientador – CO, um Comitê Diretor – CD e um Comitê Executivo – CE, cada um deles estruturado nos diferentes centros regionais.

Na estrutura formal de autoridade do IPÊS São Paulo, Pacheco e Silva integrou o Conselho Orientador (CO), o Comitê Diretor (CD) e o Grupo de Estudo e Ação (GEA) (DREIFUSS, 1981, p. 176). Ligou-se à diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e foi membro do Conselho Diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), “que compartilhava membros, funções e objetivos com a FIESP”, apoiando-se “na capacidade de atuação de um número destacado de empresários” (DREIFUSS, 1981, p. 94). No campo empresarial, Pacheco e Silva vinculou-se, como sócio-proprietário, aos grupos Armações de Aço Probel S.A., Companhia Brasileira de Seguros e Fundação Moinho Santista (DREIFUSS, 1981, p. 94; TARELOW, 2018, p. 235).



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Pacheco e Silva também integrou no IPÊS paulista o Grupo de Doutrina e Estudos (GDE), coordenado por J. L. Nogueira Porto e integrado por Miguel Reale, Luiz Antonio da Gama e Silva, Paulo Edmur de Souza Queiroz, Adib Casseb, Flávio Galvão, J. L. Anhaia Mello e Antonio Delfim Neto (DREIFUSS, 1981, p. 198). O GDE ainda recebia “o apoio de agências técnicas de várias associações de classes comerciais e industriais” e, para temas específicos, “contava ainda com a colaboração, tanto financeira, quanto técnica de influentes empresários, como H. Weissflog” (DREIFUSS, 1980, p. 197)⁵.

O GDE “fixava linhas de doutrinação que definiam a filosofia do IPES e preparava o material para as várias unidades setoriais de ação que operavam naquele estado” (DREIFUSS, 1980, p. 197). O GDE paulista e seu congênere do IPÊS carioca, o Grupo de Estudo e Doutrina (GED) coordenado por José Garrido Torres, eram responsáveis pela “aceitação conjunta de *position papers* (trabalhos de posicionamento) e análises”, o que “os transformava na diretriz final do IPÊS” (DREIFUSS, 1980, p. 197)⁶.

Nota-se, portanto, o papel de “alto nível” de Pacheco e Silva na organização, via IPÊS, da conspirata e do golpe de Estado (e de classe) de 1964. Como dito, o golpista civil em tela articulou-

⁵ Hasso Weissflog “era diretor da Cia. Melhoramentos de São Paulo Indústria de Papel (Incopar Participações Comerciais e Industriais S.A.). Seus sócios na empresa eram H. Villaboim, o líder ipesiano M. Toledo de Moraes e Walter Weissflog” (DREIFUSS, 1980, p. 222). Os Weissflog, família proprietária da Companhia e Editora Melhoramentos, tem sua história ligada ao nazismo, embora neguem o fato, bem como o acesso a seus arquivos depositados em instalação da empresa no bairro paulista da Lapa. A arquiteta Vanice Jeronymo, porém, em pesquisa sobre a cidade de Caieiras, na Grande São Paulo, que ainda hoje abriga a sede da empresa, desvelou a partir da documentação da polícia política do Estado Novo varguista que, durante a II Guerra Mundial, “a Companhia e alguns diretores tiveram seus nomes incluídos na Lista Negra e foram afastados de seus cargos”, entre os quais Frederico (Fritz) Guilherme, Alfred e Walter Weiszflog, Johannes Ehlert, Kurt Faltim e Niels Christian Christensen (JERONYMO, 2011, p. 154). “Os membros da família Weiszflog foram vigiados. Para as viagens dos funcionários que necessitavam ir de Caieiras para São Paulo ou Santos era necessário o pedido de salvo conduto. Johannes Ehlert – técnico geral e supervisor dos estabelecimentos fabris de Caieiras – requereu vários salvos condutos às autoridades policiais (....) Kurt Faltim – engenheiro da fábrica e residente do núcleo – e Frederico Guilherme Weiszflog (...) foram detidos e tiveram, de acordo com os prontuários, envolvimento com o nazismo. Assim, como atesta o caso de Mengele, é provável que o isolamento e a autonomia patronal em Caieiras tenham favorecido o abrigo a refugiados alemães do pós-guerra” (JERONYMO, 2011, p. 1544). De acordo com a revista *Veja*, em edição de 12 de junho de 1985, o médio nazista Josef Mengele trabalhou “por ‘cinco anos como chefe de manutenção da Melhoramentos, fábrica de papel de Caieiras (SP)’” (JERONYMO, 2011, p. 153-154). Ademais, ainda no Estado Novo, o Tribunal de Segurança Nacional afirmou que Niels Christian Christensen era o nome falso de um espião nazista, Josef Jacob Johan Starzickny, arrolado ao lado de “Frederico (ou Fritz) Guilherme Weissflog ou Frederich Guilherme Weissflog, vulgo ‘White’, São Paulo” (TSN, 1943, p. 23).

⁶ “O Grupo de Doutrina e Estudos também recebia os subsídios ideológicos e políticos dos centros regionais do IPES concernentes a itens de importância capital. O IPES de São Paulo procurava através dessa diretriz estabelecer um consenso empresarial sobre os mais variados problemas e suas soluções” (DREIFUSS, 1980, p. 198).



se desde 1958 com os militares ESG, da qual foi aluno, conferencista e membro de sua Associação de Diplomados, a ADESG. Nesse elo civil com a caserna durante a preparação do golpe de 1964, “o IPES organizava e participava de cursos para empresários e igualmente para militares” (DREIFUSS, 1980, p. 253). O dirigente ipesiano José Ely Coutinho informava aos líderes do IPÊS, no final de 1962, “sobre a organização de um Curso de Defesa Nacional na Sociedade Harmonia de Tênis, o clube social e esportivo paulista, curso este modelado a partir de um anteriormente dado no Jôquei Clube, sob o patrocínio da ADESG” (DREIFUSS, 1980, p. 253). Representando o IPÊS, Pacheco e Silva e Luís Cássio dos Santos Werneck participaram do curso cívico-militar em questão (DREIFUSS, 1980, p. 253)⁷.

Como influente dirigente ipesiano, Pacheco e Silva foi um dos articuladores mais importantes desse nexos civil-militar da conspiração anti-Goulart. O IPÊS não se limitou “a condicionar apenas civis a aceitarem e defenderem uma determinada orientação de desenvolvimento”, mas, também, “convidava militares para essas conferências e cursos, expondo-os às demandas e interesses empresariais, generalizados como ‘necessidades industriais nacionais’” (DREIFUSS, 1980, p. 253-254). Nessa operação ipesiana, “os militares intensificavam a absorção de valores civil-empresariais” e essa convergência de valores e interesses fortaleceu-se na ESG, “e as Forças Armadas passaram a ser projetadas como sócias empresariais e políticas ‘naturais’ para essa determinada forma de desenvolvimento” (DREIFUSS, 1980, p. 254).

Desse modo, “a elite orgânica conseguiu acompanhar essas discussões com publicações que causaram um forte impacto na comunidade empresarial e entre os militares” (DREIFUSS, 1980, p. 275). Novamente aqui despontou a figura de Pacheco e Silva. “Uma dessas publicações de tamanha influência foi o livro *Segurança Nacional*, publicado pelo Fórum Roberto Simonsen, da

⁷ “Por tradição, os clubes sociais e esportivos eram os centros de comunicação informal entre empresários, burocratas e políticos. Nesses locais, já se esquematizaram articulações de diretrizes, uniões de interesses e conspirações político-militares. A composição social, regional e étnica de seus membros sempre refletiu e determinou divisões de classe e status, bem como fortaleceu essas identidades. (...) Uma ideia do tipo de formação ideológica que se desenvolvia é sugerida ao considerar os subtítulos de um dos trabalhos distribuídos nessas conferências em um dos clubes da sociedade paulista, que, diga-se de passagem, não é de se esperar que fosse o lugar para tal conferência. O trabalho chamava-se *Fortalecimento do Potencial Nacional – Planejamento* e tratava de: 1) O significado/sentido da problemática da Segurança Nacional – as ‘Gerações Conscientes’, 2) Poder e Potencial Nacional – duas perspectivas diferentes da mesma realidade, 3) Esferas de planejamento no campo da Segurança Nacional, 4) A dinâmica natural do fortalecimento do potencial, 5) A intervenção consciente no processo, 6) O dirigismo totalitário e planejamento democrático e 7) Fortalecimento do potencial econômico e desenvolvimento. Documento N. 1, *Fortalecimento do Potencial Nacional – Planejamento*, s.d. Preparado pelo General Golbery [do Couto e Silva]” (DREIFUSS, 1980, p. 274-275).



FIESP, em 1963. Ele continha artigos escritos por Otávio Marcondes Ferraz, A. C. Pacheco e Silva e pelos Generais Edmundo Macedo Soares, Lyra Tavares e Humberto de Alencar Castelo Branco” (DREIFUSS, 1980, p. 275).

Ainda no marco da conspiração ipesiana, Pacheco e Silva associou-se ao ex-colaborador nazista Vladimir Lodygensky (1917-2007). Coube ao historiador Vicente Gil da Silva reconstituir a atuação histórica e a ideologia desse militante anticomunista internacional. Emigrando ao país após o término da II Guerra Mundial, Lodygensky era um veterano da extrema-direita europeia, tendo aprendido o ofício com seu pai, Georges Lodygensky (1888-1977), fundador da Entente Internacional Anticomunista (EIA) em 1924 na Suíça e, por seu intermédio, destacou-se como um colaborador de “alto nível” do Anti-Komintern nazista, o órgão do III Reich destinado a combater as atividades da III Internacional Comunista (Komintern). Lodygensky, o filho, conectou-se às agências de espionagem, às associações empresariais e à embaixada dos EUA no Brasil durante a preparação do golpe contra o presidente João Goulart (1961-1964). Atuou por meio de sua organização “privada” criada em 1958, a Sociedade de Estudos Interamericanos (SEI), associando-a ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) a partir de 1962.

Lodygensky foi um “ativista ipesiano”⁸ e uma das frentes estudantis de sua SEI, o Centro Latinoamericano de Coordenação Estudantil (CLACE), publicou revista própria a partir de 1960, a *Alvorada*, contando com o apoio do general extremista Hugo Betlhem e de líderes ipesianas reacionários como Miguel Reale, Ernesto de Moraes Leme, Paulo Edmur de Souza Queiroz e o próprio Pacheco e Silva (DA SILVA, 2020, p. 59). Pacheco e Silva foi íntimo de Lodygensky, caracterizando este ex-colaborador nazista – que esteve presente, com seu pai, na Primeira Conferência Internacional Secreta Anticomunista de 1936 organizada pelo Antikomintern na cidade alemã de Feldafing (DA SILVA, 2020: 417; MACHADO, 2022: 678) – como:

[...] um ‘grande conhecedor dos problemas relativos ao comunismo e ao anticomunismo’, ‘com larga experiência adquirida na Suíça e em outros países onde se empenhara anteriormente na luta contra os marxistas’, e à organização dirigida por ele como uma entidade importante na ‘resistência oferecida à comunização e,

⁸ Em obra seminal, o historiador e cientista político uruguaio-brasileiro René Armand Dreifuss, caracterizou Lodygensky como um “ativista ipesiano”, “membro da American Chamber of Commerce (...) e diretor da Allset-Sociedade Técnico Comercial Ltda. que trabalhava com propaganda técnica” (DREIFUSS, 1980, p. 343).



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

ipso facto, na vitória da Revolução de Março' (DA SILVA; SCHWARZ, 2022, p. 294)

Pacheco e Silva caracterizou que o Brasil, durante o governo João Goulart, havia adentrado na “na fase nacionalista-revolucionária de conformação de uma República Sindicalista que, em breve, desaguardaria em um regime socialista bolchevique” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 262), recordando nos seguintes termos sua atuação na preparação do golpe de 1964:

Enfrentando os maiores perigos, [...] os dirigentes do IPÊS empenharam-se vivamente na luta anticomunista. Alertando a população dos sérios perigos a que estava exposta, arriscada a ser dominada pelos soviéticos, procurando ao mesmo tempo demonstrar em que consistia, na realidade, a ideologia marxista. [...] Insistimos na necessidade de o IPÊS, sem se descuidar dos fundamentos jurídicos e ideológicos que motivaram a sua criação, adotar também medidas objetivas e concretas, ou melhor, participar mais ativamente da conjura que se tramava, no intuito de depor o governo corrupto e subversivo. Cumpria, no nosso entender, aos dirigentes da organização procurar estabelecer uma ação conjugada com as demais organizações já formadas com os mesmos fins, para evitar a dispersão de esforços. Impunha-se, assim, uma atitude franca e corajosa de esclarecimento da opinião pública, um trabalho intenso de preparação psicológica anticomunista, uma participação ativa na conspiração encabeçada por militares e civis, decididos a enfrentar o inimigo, qualquer que fosse o terreno, no intuito de impedir a todo o custo a consumação dos propósitos que o animava (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 265).

No pré-1964, portanto, Pacheco e Silva emergiu como uma das principais figuras do IPÊS, integrando o Conselho de Orientação (CO), o Conselho Diretor (CD) e o Grupo Executivo de Ação (GEA) do poderoso e influente IPÊS paulistano. Além de ser diretor-proprietário de importantes indústrias como Armações de Aço Probel S.A. e Companhia Brasileira de Seguros, e de fundações como a Moinho Santista, sua influência estendeu-se ao meio acadêmico como psiquiatra universitário e professor da USP, bem como membro de associações psiquiátricas internacionais. Via IPÊS e no eixo FIESP-ESG, ele contribuiu na estruturação do nexu civil-militar que sustentou a articulação golpista contra o governo trabalhista Jango. Seu alinhamento com juristas reacionários como Miguel Reale e Gama e Silva, e sua proximidade com economistas ipesianos como Antonio Delfim Netto, além de jornalistas de veículos conservadores como *O Estado de São Paulo*, revelam sólida inserção no círculo golpista do pré-1964. Ao lado do ex-colaborador nazista Wladimir Lodyginsky, Pacheco e Silva personificou uma militância de cruzado reacionário, especializando-se na doutrina e prática da guerra psicológica anticomunista, contribuindo à intervenção militar e ao



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

golpe de Estado de 1964. Pacheco e Silva combateu a "República Sindicalista" como representante do momento "nacional-revolucionário" da *sovietização* do Brasil, posicionando-o como um "cold warrior" incansável que não apenas orquestrou e integrou a vanguarda do golpe anti-Jango, mas também atuou como ideólogo e homem de ação da linha dura do regime autocrático-burguês militarizado e entronizado em 1º de abril de 1964.

1.2. Pacheco e Silva a serviço da ditadura militar pós-1964

Uma vez instaurada a ditadura militar, o conspirador e golpista Pacheco e Silva passou a defendê-la de maneira intransigente. Em artigo encaminhado à *France-Amerique Magazine*, ele buscou negar o caráter golpista do movimento que derrubara Jango, salientando que "“não houve no Brasil um golpe de Estado, nem um ‘pronunciamento militar’; houve sim uma Revolução cívica de uma grande nação democrata e cristã”" (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 287). Em 04 de abril de 1966, momento da oficialização do "partido da ordem" ditatorial, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), Pacheco e Silva "constava na lista dos membros fundadores que subscreveram o manifesto de lançamento da agremiação" (TARELOW, 2018, p. 277), integrando desde então sua Comissão Executiva.

Depois do golpe dentro do golpe, isto é, com a entronização da "linha dura" da ditadura militar pela entronização de Arthur da Costa e Silva na presidência da República⁹, pela promulgação do Ato Institucional n.º 5 em dezembro de 1969 e pela "eleição" do general-presidente Emílio Garrastazu Médici pela Junta Militar, Pacheco e Silva seria escalado para uma missão internacional. De maio a julho de 1971, ele viajou aos EUA e à Europa "com o objetivo de contribuir para desfazer a imagem distorcida do Brasil, criada pela campanha difamatória contra nós desfechada, sobretudo em relação às pretensas violências e torturas aqui praticadas" (PACHECO E SILVA, 1971, p. 04)¹⁰.

⁹ Pacheco e Silva, além de ser amigo pessoal de Castelo Branco, sendo por ele condecorado, com o qual nutria relações desde a década de 1950 via ESG, fora também condecorado pelo *troupiér* durista Costa e Silva, de quem era igualmente amigo pessoal (TARELOW, 2018; GOMES, 2021). Tarelow, a meu ver de maneira equivocada, busca anular ou interditar, por intermédio dessa dupla relação de Pacheco e Silva com Castelo Branco e Costa e Silva a divisão entre a *Ideologia 1964* (RAGO FILHO, 1998) entre *castelistas* e "linha dura".

¹⁰ Nessa missão de desmentido oficial das graves violações de direitos humanos perpetradas pela ditadura militar brasileira, Pacheco e Silva escreveu ao próprio general-presidente Médici, garantindo que manteria o caráter oficial, não oficial, de sua ação negacionista: "Buscarei de preferência agir nos meios universitários e intelectuais, onde tenho



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "O golpe de 1964 e a educação"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Ao chegar em Washington, entretanto, foi aconselhado “da inconveniência dessa iniciativa”, haja vista que, segundo seus interlocutores anticomunistas, “o ambiente universitário americano está de tal forma contaminado e impregnado por ideias subversivas, por um espírito contestante tão arraigado, que seria desaconselhável e mesmo contraproducente a realização de conferências sobre os assuntos a versar” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 04).

Diante da “contaminação” *subversiva* nas universidades dos EUA, Pacheco e Silva optou, então, por manter conversas “em círculos mais fechados, governamentais e privados, expondo a situação real do Brasil, e procurando sempre documentar o que dizia, com dados em meu poder” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 04).

Ao final da viagem, Pacheco e Silva enviou relatórios ao ministro da Justiça do ditador Médici, Alfredo Buzaid, antigo líder do IPÊS paulista, “sobre as minhas atividades, fartamente documentados” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 05). Nos EUA, Pacheco e Silva encontrou-se com o chefe do *Brazilian Desk* do Departamento de Estado Robert Dean, visitou o *Council of the Americas* e teve “longa e proveitosa entrevista com Lincoln Gordon, antigo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil e que acaba de renunciar a reitoria da Universidade de Baltimore, por não mais suportar o ambiente subversivo que nela reina” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 08). Na França, entrevistou-se, em Paris, com “o Sr. Beaucodry, do ‘Club du Livrew’, e o Sr. G. Albertini, editor da revista ‘Est et Ouest’” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 12).

Na embaixada do Brasil em Paris, conferenciou para “o embaixador [general] Lira Tavares, com o grupo católico do Clube do Livro Cívico. Os seus mais altos representantes são Marcel Clement, Juan Vallet e Jean Beaucondraie. Procuramos determinar pontos comuns num movimento internacional de combate ao comunismo” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 23). Na Alemanha, em Boon, visitou o ‘Deutsch Brasilianische Hefte’, dirigido pelo Prof. Herman Gorgen, que há muitos anos se ocupa do intercâmbio cultural Brasil-Alemanha” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 15)¹¹. Na

maior penetração, no seio das classes empresariais e nos quadros políticos, insistindo sempre não estar em qualquer missão oficial, mas de caráter universitário” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 288).

¹¹ Gorgen, um anticomunista cristão que combatera os nazistas, era doutor em Filosofia pela Universidade de Bonn e fundou em 1961 os Cadernos Germano-Brasileiros, publicação que se converteu em canal de propaganda oficioso da ditadura brasileira na Alemanha. No governo Costa e Silva, a publicação bilíngue estampara: “ ‘Não há censura de imprensa no Brasil. O Ministro brasileiro da Justiça, Gama e Silva, declarou que no Brasil não há mais censura de imprensa, embora, depois da proclamação do Ato Institucional n.º 5, tenha sido necessária uma censura provisória por motivos de segurança e ordem pública. (...) O seu Ministério, porém, irá reprimir energicamente qualquer abuso da



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Holanda, em Haia, “visitei o ‘Instituto Interdoc’ – International Documentation and Information Center, tido e havido como uma das maiores e melhores organizações do gênero. Entreteve proveitoso encontro com o Diretor Executivo, Coronel L. Einthoven” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 16)¹².

A viagem de Pacheco e Silva ao estrangeiro foi coordenada com o ministro da Justiça Alfredo Buzaid (MACHADO, 2016). Ambos eram veteranos da conspiração anti-Jango junto ao IPÊS paulista. Pacheco e Silva teve como objetivo colher material em sua viagem para Buzaid poder “preparar o Livro Branco da Revolução Brasileira e outras publicações” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 20). Chegou a compartilhar trecho da viagem ao lado de Buzaid, na Espanha, por exemplo. Nesse país ibérico, sob a ditadura franquista, Pacheco e Silva estabeleceu “contacto com o grupo que dirige a revista ‘Fuerza Nueva’, que tem afinidade intelectual com a Revolução Brasileira. Este grupo tem duas figuras fundamentais: Blás Piñar e Julio Garrido. Dispõe-se a colaborar com a Revolução na defesa do Brasil” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 21)¹³. Na Itália, Pacheco e Silva encontrou-se com o presidente do Senado Fanfani, encarregando o jornalista Lenildo Tabosa Pessoa

liberdade de imprensa” (DBH-CGB *apud* MACHADO, 2015, p. 145). Na Resenha Informativa “Política, Torturas – Documentação”, os DBH-CGB informavam que: “Estudantes da Albertus-Magnus-Akademie dos Dominicanos em Walbertg publicaram uma documentação na imprensa de 74 páginas que constitui uma coleção de artigos da imprensa europeia sobre as torturas que pretensamente houve no Brasil” (DBH-CGB *apud* MACHADO, 2015: 145). Os DBH-CGB corroboravam o “desmentido do governo brasileiro”, assinalando que “O Governo brasileiro publicou um comunicado sobre a questão das torturas, no qual se lê: ‘Não há tortura em nossas prisões. Também não há presos políticos. No Brasil, ninguém perde a liberdade simplesmente por divergir da orientação democrática defendida pelo Governo. Há, porém, terroristas, detidos enquanto respondem a processo regular pelos crimes que praticam’” (DBH-CGB *apud* MACHADO, 2015, p. 146).

¹² “Para os dirigentes do ‘Interdoc’, o mundo está seriamente ameaçado de uma guerra civil generalizada, promovida pelos comunistas. O futuro da civilização ocidental poderá decidir-se na América Latina. Para não ser colhido de surpresa, o Brasil necessita, no entender deles, capacitar-se do papel relevante que lhe cabe nessa luta e cuidar seriamente da guerra psicológica em que está envolvido, a qual tende a agravar-se com o tempo” (PACHECO E SILVA, 1971, p. 16). Com conexões com a CIA, o INTERDOC foi fundado em Haia por Van den Heuvel, membro da resistência antinazista. “Calvinista e anticomunista, esteve ligado aos serviços secretos da Alemanha Ocidental e dos Estados Unidos” (MACHADO, 2022, p. 1534). Manteve também relações com a Liga Mundial Anticomunista (WACL).

¹³ Blás Piñar consagrou-se como liderança de ultradireita do chamado tardofranquismo. Criticou a desmobilização promovida pelo próprio regime franquista, acusando os “aperturistas” e “tecnocratas” de traição dos pressupostos ideológicos do franquismo: “‘el enemigo derrotado entonces, barrido de Barcelona el 26 de enero de 1939, está muy cerca y muy dentro, y si está muy cerca y muy dentro es porque alguien le ha abierto las puertas con una política torpe’” (PIÑAR *apud* MACHADO, 2022, p. 1534). Blas Piñar e seu *Fuerza Nueva* consolidaram-se em meados da década de 1970 como representantes espanhóis da Liga Mundial Anticomunista (WACL).



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

– acusado de participação em torturas de religiosos dominicanos – para contatar os círculos católicos¹⁴.

1.3. Pacheco e Silva na Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), órgão regional na América Latina da Liga Mundial Anticomunista (WACL)

Com esse currículo e militância política, já se pode aquilatar os móveis históricos e ideológicos que conduziram Pacheco e Silva a conectar-se naquela que foi a “Internacional” das extremas-direitas da Guerra Fria, a Liga Mundial Anticomunista, ou WACL, no acrônimo inglês de *World Anticommunist League*. A entrada de Pacheco e Silva nos circuitos da WACL deu-se por intermédio de um outro veterano anticomunista brasileiro que, assim como ele, projetou e conectou sua militância extremista com seus congêneres transnacionais extremistas da Guerra Fria. O primeiro “amigo brasileiro” da Liga Mundial Anticomunista (WACL) foi o almirante, de passado integralista, Carlos Penna Botto (MACHADO, 2022). Na verdade, antes da própria criação da WACL em 1966 na Coreia do Sul, em Seul, o almirante brasileiro, na condição de presidente de uma regional anticomunista da América Latina, a Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC), já havia conectado o Brasil às organizações que antecederam e matrizaram a criação da Liga Mundial Anticomunista, notadamente a Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL) e o Bloco Antibolchevique de Nações (ABN) – este formado por ex-colaboradores nazistas do leste europeu¹⁵. Já a APACL foi matrizada pelas ditaduras extremistas do generalíssimo

¹⁴ Esse jornalista foi acusado pelos padres dominicanos de ter acompanhado sessões de tortura de freis ligados a militantes da esquerda armada contra a ditadura. O delegado conhecido como “Coveiro” do Dops, codinome “Porquinho”, era um católico fervoroso, que convocou a consultoria teológica do jornalista, de formação em direito canônico. “O delegado Alcides era o coveiro oficial do DOI-Codi e do Dops, e [Percival de] Souza explicita a ligação de ambos – *Porquinho* e Tabosa – ao narrar que: ‘se alguém morria, em combate ou em tortura, era sempre ele (Alcides) o primeiro a chegar para definir, somente ele, o que fazer. O delegado coveiro, o delegado dos sepultamentos clandestinos, (...) o delegado católico que rezava e comungava, que tinha amigos do clero conservador, que odiava os progressistas. Quando teve os padres dominicanos nas mãos, convidou o teólogo-jornalista Lenildo Tabosa Pessoa para ler o conteúdo das apurações preliminares e ajudá-lo nas perguntas fundamentais que pudessem comprometê-los nas contradições que considerava flagrante: professar o cristianismo e engajar-se na esquerda que empunhava armas. O homem que seria capaz de sumir com corpos sem deixar vestígios teve habilidade para ocultar as sombras e receber Lenildo [Tabosa Pessoa], um pernambucano de Caruaru, introduzindo-o no casarão sem maiores consequências. Um dos padres, contudo, viu Lenildo no momento de descuido (...) Lenildo chegou num carro fechado e saiu do DOPS da mesma forma. Foi acusado pelos padres de participar diretamente dos interrogatórios’.” SOUZA, Percival de *apud* KUSHNIR (2012, p. 376).

¹⁵ A liderança do ABN havia sido reunida sob ordens do ministro do *Ostministerium* nazista Alfredo Rosenberg, por intermédio de seu diretor Gerard von Mende, ainda durante a II Guerra Mundial. No pós-guerra, o serviço de inteligência



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Chiang Kai-shek de Taiwan e pelo general-presidente Park Chung-hee da Coreia do Sul (MACHADO, 2022). Pacheco e Silva foi um apologeta do almirante Penna Botto, que fundou, em 1952, “a Cruzada Brasileira Anticomunista [CBA], a primeira organização de maior envergadura que se estabeleceu entre nós, para dar combate aos subversivos, tendo sido eleito o seu primeiro presidente” (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 256). “Entre os anos 1950 e 1970, Pacheco e Silva trocou inúmeras correspondências e se encontrou diversas vezes com o Almirante, sendo por ele convidado para ministrar palestras sobre Psiquiatria e Segurança Nacional” (TARELOW, 2018, p. 256).

A WACL, de 1966 a 1971, teve um primeiro ciclo de conferências exclusivamente na Ásia. A partir de 1972, fez seu giro às Américas. Em 1972, no marco de seu encontro anual, o primeiro realizado fora da Ásia, na Cidade do México, fundou seu órgão regional na América Latina, a Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), dirigida pelos *Tecos*, anticomunistas de perfil antissemita da Universidade Autônoma de Guadalajara (UAG), em Jalisco, no México Occidental. Também em 1972, com Penna Botto já adoecido – morreria no ano seguinte, em 1973 –, um novo grupo do Brasil, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), consagrar-se-ia como a filial brasileira do complexo WACL/CAL. Pacheco e Silva despontaria então, no biênio 1976-1977, como um dos membros do Conselho Consultivo da SEPES, o “capítulo brasileiro” da WACL/CAL.

1.4. Brasil, 1974: o projeto político-pedagógico da CAL, ou Pacheco e Silva como presidente da *Comissão contra a Subversão nas Universidades e Escola*

Antes disso, porém, destacou-se em uma das comissões do II Congresso da CAL-Pública realizado no Rio de Janeiro, em 1974, entre 23 e 27 de janeiro, portanto, ainda sob o governo Médici. Nesse conclave de extremistas internacionais no Brasil, Pacheco e Silva foi incumbido da presidência de uma das comissões da CAL. Em virtude de sua consagrada docência universitária, o

britânico (MI6) contratou von Mende e reativou suas redes antibolcheviques do leste europeu para lançar operações de guerras psicológica e política contra a URSS e a sovietação da Europa Oriental, formalizando-se então o ABN. Yaroslav Stetsko, lugar-tenente do *Providnyk* (líder) do ultranacionalismo ucraniano Stepan Bandera, presidiu o ABN depois do assassinato deste em 1959 até sua morte, em 1986. O presidente do ABN afirmou que “o bolchevismo (...) como o Inimigo Mundial n.º 1, torna os nazistas insignificantes” (STETSKO *apud* MACHADO, 2022, p. 58).



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

professor de Psiquiatria da USP atuou como presidente e sistematizador da *Comissão contra a Subversão nas Universidades e Escola* do II Congresso da CAL-Pública.

Pacheco e Silva agradeceu a “generosa designação” para que ele servisse como “Presidente de Honor de esta importante Comisión del II Congreso de la CAL, encargada de estudiar los diversos medios de acción para combatir y extirpar la subversión roja en nuestras Escuelas y Universidades” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1480). *Combater e extirpar*, portanto, configuraram verbos centrais em uma linguagem exterminista para uma prática de igual teor. Segundo Pacheco e Silva, os comunistas teriam como objetivo final “implantar su ideología y su régimen en todo el mundo” e, para atingir esse fim – a comunização do mundo –, concentrariam seus esforços de doutrinação ideológica no meio estudantil, sobretudo nas “escolas superiores, que consideran un grupo social suficientemente estructurado, fuerte y bien indoctrinado para servir como punta de lanza en la lucha subversiva en que están empeñados” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1480).

Contariam os comunistas nesse processo de doutrinação ideológica nas universidades, segundo Pacheco e Silva, com a ajuda dos “católicos llamados progresistas o de izquierda”, estabelecendo-se com eles “un ‘FRENTE UNICO’, con el propósito de alcanzar más rápidamente la subversión planeada, derrocar a los gobiernos locales e instalar en nuestros países repúblicas sindicalistas, como una primera etapa para después transformarlas en repúblicas socialistas” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1480, grifo do original). Um dos planos comunistas mais perigosos seria aquele lançado em 1966 na *Primera Conferencia Tricontinental de Solidariedad Revolucionara*, formalizado em 1967 na Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) em Cuba. O plano da OLAS foi resumido da seguinte maneira por Pacheco e Silva à audiência da Comissão que presidiu do II Congresso da CAL-Pública:

- a) Incentivar la agitación estudiantil, apoyada por los católicos progresistas y demás elementos integrados en el ‘FRENTE UNICO’;
- b) Desencadenar una ofensiva a través de una propaganda coordinada de todos los partidos socialistas;
- c) Difamar, por todos los medios, a Estados Unidos, minando su prestigio e insistiendo en el imperialismo americano en la América Latina;
- d) Desmoralizar el régimen capitalista;
- e) Convencer a los pueblos de América Latina de luchar por sus ‘pseudos derechos democráticos’, para de esta forma crear un ambiente de desasosiego e inseguridad;
- f) procurar establecer el caos, la anarquía y la desmoralización en todos los departamentos gubernamentales, para elevar el costo de la vida y llevar



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

al pueblo a la desesperación; g) desmoralizar a las fuerzas armadas (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1481, grifo do original).

Antes da OLAS, porém, esse plano da “subversão vermelha” já estaria em execução no Brasil, segundo Pacheco e Silva, “en donde los comunistas ya habían prácticamente tomado el gobierno, dispuestos a instalar en nuestro país una república sindicalista, como punto de partida para transformarla, más tarde, en una república socialista, acorde con los moldes de los países por ellos dominados” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1481). “Afortunadamente, las fuerzas armadas del país, alertadas a tiempo y apoyadas por el elemento civil que les dió pleno respaldo, derrocó en el momento preciso al gobierno, que traicionó sus compromisos con la Nación, restableciendo los principios democráticos” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482).

Dessa maneira, exaltando a ditadura militar que ajudou a instaurar no país, Pacheco e Silva salientou que “dez anos transcurridos desde a “Revolución de Marzo” de 1964, o Brasil “arruinado, minado por la corrupción y por la subversión”, havia ficado para trás. Em uma década de governo militar, a “Revolución de Marzo” de 1964 teria saneado as finanças do país, acelerando “un enorme desarrollo, con el restablecimiento de la confianza y de la seguridad. Tan grande fue el progreso realizado merced a la acción de unos cuantos hombres probos, capaces y patriotas, que hoy, en el mundo sólo se habla del milagro brasileño” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482). Apesar dos méritos da “Revolução” brasileira, arremata, os “subversivos” não cansariam de “denigrar a nuestro país, negar nuestro progreso” perante o mundo, buscando difamar no exterior a imagem de “una nación joven, sin prejuicios raciales” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482).

Eis o motivo de ter a CAL acertado, segundo seu representante brasileiro Pacheco e Silva, ao escolher o Brasil “como sede de su II Congreso, que hoy aquí se reúne, congregando elementos de toda la América Latina, empeñados en la lucha anticomunista” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482). O contexto sul-americano seria promissor na guerra anticomunista global, inclusive, saudando Pacheco e Silva o “exemplo chileno” da Junta Militar dirigida pelo ditador Augusto Ugarte Pinochet. “De hecho, si los rojos sufrieron serios reveses en la América Latina, como sucedió hace poco en Chile, en donde las Fuerzas Armadas unidas a los elementos civiles de formación democrática, alejaron del poder los malos elementos que habían tomado el



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

gobierno del país” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482). Apesar disso, os anticomunistas não deveriam baixar a guarda ou afrouxar a vigilância contra o “inimigo” comunista, que “es traicionero, no duerme y está siempre al acecho de un momento de debilidad para asestar golpes a las instituciones libres” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1482).

“Por fortuna en el mayor país de América Latina, que es el Brasil”, concluiu o presidente de Honra da Comissão contra a Infiltração Comunista nas Universidades e Escolas do II Congresso da CAL-Pública, “podemos reunir hoy representantes de todo el hemisferio, para intercambiar ideas e impresiones y adoptar medidas para garantizar la soberanía de nuestros pueblos” (PACHECO E SILVA *apud* MACHADO, 2022, p. 1483).

Ao presidir a Comissão contra a Subversão nas Universidades e Escolas durante o II Congresso da CAL-Pública em 1974, Pacheco e Silva corporificou, assim, um projeto político-pedagógico de caráter extremista e exterminista, destinado a combater a infiltração subversiva comunista nas instituições educacionais, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina e além. Sua proposta ia além da constituição de uma vigilância transnacional contra os “comunistas” e “companheiros de viagem”, advogando por uma repressão ativa e pela purificação das universidades e escolas de qualquer influência ligada ao comunismo, visto como um perigo internacional que exigiria um combate igualmente em escala global. Pacheco e Silva enfatizou a necessidade de erradicar professores “comunistas”, movimentos estudantis suspeitos de “comunismo” ou de facilitação da “infiltração comunista” no meio estudantil, bem como conclamou para o enfrentamento das ideologias progressistas dentro do clero e do laicato católicos, por meio de uma doutrinação anticomunista rígida.

De acordo com o planejamento político-pedagógico da CAL por ele singularizado no Brasil em 1974, as instituições de ensino deveriam se transformar em baluartes da ideologia ultraconservadora, alinhadas aos governos militares e autocráticos da América Latina. O objetivo era assegurar que os docentes e a juventude discente não apenas resistissem ao avanço do comunismo, mas que se convertessem em ativos combatentes dessas “forças internacionais antipatrióticas”. Ao propor tais medidas, Pacheco e Silva singularizou a pedagogia do inimigo comunista promovido pela CAL, a organização regional da Liga Mundial Anticomunista (WACL) na América Latina, concretizando a inserção do Brasil nesse grupo das extremas-direitas regionais.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

1.4.1. A Resolução da Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas da CAL

A partir dos debates da Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas, presididos por Pacheco e Silva, elaborou-se uma Resolução sobre eixos de ação e de programas que a CAL deveria perseguir contra a “subversão marxista” no meio estudantil. Essa Resolução, que versou sobre “la lucha contra el marxismo en las Universidades y Escuelas”, concentrou-se, inicialmente, no setor universitário. Seu “Instructivo a las Universidades para a lucha contra el Marxismo” apresentou os seguintes objetivos estratégicos:

a) Ganar para la causa nacional la mentalidad de los universitarios y la dedicación de su presente y futura actividad profesional y social, así como su militancia ideológica; b) Poner decididamente la universidad latinoamericana y a todos sus miembros al servicio de la comunidad y de la nación y, sobre todo, de sus sectores desvalidos; c) Crear conciencia en el medio universitario de la espiritualidad y los intereses comunes que ligán entre sí a los países de América Latina; d) Fomentar y preservar el ideal libertario que dió origen a nuestros Estados independientes y ha inspirado permanentemente su trayectoria histórica. De la misma manera cultivar y defender la dignidad del hombre americano y su seguridad personal y colectiva; e) Impedir, si todavía estamos a tiempo en cada caso, el apoderamento por el comunismo de las universidades y de conciencia de los universitarios; f) Rescatar, cuando se haya perdido o se esté perdendo, la universidad de manos del marxismo, tanto a la institución educativa como a la comunidade que la integra (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1483).

Estabelecidos esses objetivos, a Resolução estabeleceu em seu item seguinte, “Propaganda y/o Indoctrinacion Masiva”, a necessidade da CAL compreender, em primeiro lugar, “cuáles son las inquietudes, aspiraciones, inconformidades y preferencias de la juventud universitaria, para salir al paso de ellas y canalizarlas en diversas formas, preferiblemente constructivas; pero sin dejar a los comunistas para que las exploten en su favor, las protestas, tanto del medio educativo, como del ambiente social general” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1483). Identificadas as causas da insatisfação e rebeldia juvenis, o segundo passo do planejamento político-pedagógico da CAL consistiria “en crear y financiar el aparato y mecanismos (técnicas, ‘slogans’, etc.) por lo menos iniciales para difundir tanto los mensajes positivos a que aludimos en el punto I relativo a los objetivos, como los puntos negativos del comunismo” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1483). Ou



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

seja, delineados aqueles objetivos político-pedagógicos estratégicos, a tática a ser perseguida consistiria em propagandear e doutrinar, massivamente, os seguintes “pontos negativos do comunismo”:

a) Demostrar que es un infundio que el comunismo sea inevitable para su advenimiento a todo el mundo y que, por lo tanto, no es invencible; b) Que no redime ni mejora a los pueblos, porque los esclaviza, los degrada y los hunde en la miséria; c) Que la puesta en moda del comunismo hoy en día es fruto de un plan preconcebido de sus aliados y cómplices, tanto abiertos como ocultos; d) Que aniquila a los que no puede esclavizar, especialmente hoy por hoy a los ejércitos con espíritu nacional; e) Que es una estafa histórica, porque frente a cada fracaso tenido, sobre todo en el bajo nivel económico de los pueblos comunizados, la única pretendida justificación es la promesa de bienestar ‘mañana, mañana’, a cambio de los sacrificios presentes; f) Que niega a Dios y a todo valor moral; g) Que solo ha sido posible historicamente y se logra sostener sobre la base de parasitar a costa del mundo libre y gracias a sus cómplices (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1484)

Todavía, a missão da CAL no seio universitário e escolar não deveria ser, apenas, negativa. Daí a preocupação do tópico seguinte da Resolução com o “Proseletismo y Militancia Constructiva y Anticomunista”. Primeiramente, o proseletismo para o engajamento à causa anticomunista deveria criar e manter “periódicos, revistas, boletines, murales, volantes, propaganda radiofônica y por T.V., mítines, manifestaciones, conferencias, polémicas públicas y demás recursos de propaganda” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1484). Colocado esse plano inicial em marcha, e na medida em que fosse obtendo resultados, a Resolução orientava que se procedesse a “un doble reclutamiento”:

a) De masas estudiantiles, de padres de los educandos, etc.; b) Selectivo de maestros y dirigentes universitarios o estudiantiles; de sacerdotes o personas con ascendiente en el ambiente universitario, tales como artistas, poetas, cantantes, ases deportivos, benefactores de la enseñanza, etc. Y se les organiza separada, pero confluyentemente, tanto en la pirámide de los cuadros de mando, como también a nivel de masas en demostraciones conjuntas, etc. etc.; c) Es vital lograr descubrir desde un principio a los agentes de infiltración y provocadores al servicio del comunismo y como esto no es posible, de un solo golpe, es necesario mantener una acción depurativa constante y una conciencia en los militantes anticomunistas tanto de la existencia de esas penetraciones, como de la urgencia de que todo militante leal las reporte en cuanto descubra algún indicio dudoso. DE NO SER ASI, EL FRACASO DE LA ACCION ANTICOMUNISTA ES SEGURO E INEVITABLE (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1484, grifo do original).

Observa-se, em especial no item c, que o proseletismo e a militância propostas pela Comissão presidida por Pacheco e Silva estariam fadadas ao “fracasso de la accion anticomunista”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

caso não estimulasse e estruturassem um mecanismo para identificar e depurar as “infiltrações” nas universidades e escolas. A arapongagem e a “cultura” do denunciismo contra os “vermelhos” infiltrados, portanto, não eram apenas estimuladas pela referida Resolução, mas formariam a parte vital, tática, para o sucesso estratégico da ação anticomunista no meio estudantil universitário e escolar. Todavia, a vigilância e o monitoramento não deveriam se restringir apenas aos “inimigos comunistas”, mas sobretudo deveria se voltar, de forma permanente, para garantir a lealdade dos quadros dirigentes recrutados. Assim que, coroadando o item c de seu tópico “Proseletimo y Militancia Constructiva y Anticomunista”, a Resolução recomendava que, “una vez reclutadas las masas y hecho el proselitismo selectivo, se procederá a crear los cuadros de dirigentes de la acción patriótica y anticomunista, para lo que se tomarán en cuenta dos criterios básicos” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1485).

1. Antecedentes del candidato a dirigente. A este respecto nunca se deberá admitir en los cuadros de militancia normal a los comunistas arrepentidos o ex-aliados confesos del marxismo; aunque den pruebas de su rectificación, detinándolos separadamente a difundir por escrito u oralmente, los estragos que presenciaron desde dentro de los sistemas comunistas y la forma como se terminaron por convencer de la inhumanidad marxista-leninista. 2. Actuación a base de hechos comprobados en la lucha antimarxista. Jamás se reclutarán los dirigentes en forma teorizante, apriorística, emocional o con cualquier otro criterio que no sea la eficacia y el acierto en su militancia. DE NO SEGUIRSE ESTE CRITÉRIO EL FRACASO ES TAMBIÉN COSA CIERTA POR EL CAMINO DE LA INCOMPETENCIA (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1485, grifo do original)

Além de uma estruturação rígida de recrutamento de dirigentes anticomunistas – não admitindo sequer nos quadros da militância contra o marxismo “os comunistas arrependidos ou ex-aliados confesos do marxismo” –, o que dizer sobre a expressão “inhumanidad marxista-leninista”. *Untermenschen*? Não se reconhece, na dicção da CAL via Pacheco e Silva, sequer a humanidade dos militantes comunistas, desumanização que antecede seu extermínio, ao menos programaticamente. De qualquer forma, depois de recrutados os militantes, formados os quadros da militância e dos dirigentes, dever-se-ia ainda fomentar valores como “la mística”, o “trabajo edificante” e a “combatividad anticomunista” de maneira implacável, formando-se assim “en ellos la conciencia de que los comunistas nos plantean una disyuntiva vital: o ellos y sus dirigentes



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

secretos implantan un gobierno mundial y someten a las naciones, o éstas superan unidas o separadamente el embate de la subversión internacional” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1485).

Essa formação da consciência anticomunista deveria se fundamentar, segundo a Resolução aprovada pela Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas, “en los planes ya aprobados en el IV Congreso de la WYACL en México, coincidente con el VI de WACL, de que el Secretariado de la CAL ha tomado ya bajo su patrocinio y está a punto de iniciar este mismo año en lo que se denominará INSTITUTO LATINOAMERICANO DE FORMACION ANTIMARXISTA” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1486).

Finalmente, o último item da Resolução sob análise, intitulado “Acción Anticomunista Universitaria”, recomendou que, “simultaneamente con la propaganda, indoctrinación, proselitismo, selección de dirigentes y su capacitación, y como base de todo ello se disputará a los comunistas palmo a palmo cada universidad latino americana” (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1486):

a) Apoyando a los rectores, directores educativos y demás autoridades escolares que no sean comunistas y, de preferencia, que combatan al control marxista en la universidad; b) Organizando sin descanso planes de acción y acción efectiva para evitar que, ningún marxista llegue a la rectoría o cargos de dirección universitaria o educativa; c) Disputando a los comunistas la dirección de sociedades de alumnos, círculos de estudio, federaciones o centrales estudiantiles u organizaciones internacionales de estudiantes o de jóvenes en general; d) Creando frente a esas organizaciones cuando no se pueda evitar que las controlen los comunistas, otra asociación por cada un que controlen ellos (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1486).

Embora não incorporado à Resolução aprovada, um adendo constante da proposta original pode ser encontrado nos acervos daquele que presidiu a Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas, i. e., Pacheco e Silva. Nela consta o seguinte adendo excluído da Resolução aprovada pelo II Congresso da CAL-Pública:

Haciendo participar a la Universidad en globo o la parte de ella que corresponda o que sea posible arrastrar a participar en los problemas tanto del medio universitario, como de la comunidad local, regional o nacional, CORRIGIENDO LA ESTRATEGIA SUICIDA QUE HA PREDOMINADO EN EL CAMPO ANTICOMUNISTA DE ABANDONAR TALES PROBLEMAS AL COMUNISMO Y PERMANECER A LA DEFENSIVA (CAL *apud* MACHADO, 2022, p. 1486, grifo do original)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Era a hora e a vez, portanto, de lançar a contraofensiva anticomunista no seio das universidades e escolas do continente latino-americano. A CAL, o braço político-militar da WACL na América Latina, pode contar para tanto com o prestígio, a influência e a expertise do Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva, professor de Medicina da USP, ex-presidente da Federação Mundial de Saúde Mental, ex-conspirador do IPÊS. Logo depois do II Congresso da CAL-Pública de 1974, Pacheco e Silva enviou um documento aos dirigentes desse órgão regional da WACL para a América Latina. Nele o cruzado anticomunista destacou aos dirigentes da CAL que “seria necessária a consolidação de um apoio mútuo para formar uma forte oposição à ‘máfia marxista’ infiltrada nas instituições de ensino. Essa ‘máfia’, a seu ver, seria a responsável por uma espécie de ‘boicote intelectual’ aos professores que manifestavam concepções política de direita” (TARELOW, 2018, p. 258).

Na “Minuta sobre a necessidade de promover e apoiar os pesquisadores patriotas que hoje são ignorados, perseguidos e discriminados nas áreas de Filosofia, Humanidades e Ciências Sociais”, Pacheco e Silva assinalou que:

Muitas vezes temos ouvido falar do assalto que vêm realizando as forças internacionais antipatrióticas aos diferentes agrupamentos de científicos que funcionam em nossos países. Com um bom planejamento de propaganda, em que são evidentes os ‘elogios mútuos’, a criação de ‘vedetes’ para consumo juvenil e a repetição de nomes e méritos reais ou outorgados graciosamente os comunistas vêm introduzindo a maldade de que a única possibilidade de reconhecimento de um trabalho intelectual em alguns países democráticos é cumprir com o requisito prévio de converter-se em ‘companheiros de viagem’ ou comunista de *carnet* [...] Muitos casos existem de cientistas de nossos países que hoje vivem, trabalham e ajudam a outros países porque no seu já não toleram as condições de pressão que impõem as verdadeiras ‘máfias’ de intelectuais, agitadores e artistas que de fato os colocam ante as alternativas da cumplicidade, do exílio voluntário ou do abandono da disciplina para dedicar-se a outro tipo de atividades que não guardam relação com a sua vocação. Assim, o campo fica livre para que os charlatães não encontrem verdadeira oposição e possam cobrar uma fama considerável entre o público medianamente educado da mesma maneira que a usam no momento oportuno para exercer pressão, firmar manifestos de protestos, encabeçar manifestações, porém, sobretudo, para deformar o enfoque que se tem dado às diversas disciplinas, principalmente as sociais, nas classes de ensino médio e superior (PACHECO E SILVA *apud* TARELOW, 2018, p. 257-258).

A Resolução elaborada pela Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas, sob a presidência de Pacheco e Silva, representou a concretização de um projeto político-



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

pedagógico extremista e exterminista. Seu objetivo principal era erradicar a presença comunista nas instituições universitárias e escolares em toda a América Latina. O documento delineou uma estratégia de doutrinação e repressão ativa, buscando institucionalizar a cultura do denunciismo e da vigilância constante dentro das universidades e escolas – verdadeiro macartismo contra professores, estudantes e dirigentes escolares acusados de “comunistas” ou de seus “cúmplices”.

Pacheco e Silva liderou a ofensiva contra as ideologias marxistas, buscando mobilizar professores, estudantes, líderes religiosos e dirigentes escolares para a causa anticomunista. Como ideólogo e homem de ação da CAL, ele visava transformar as instituições educacionais em fortalezas do conservadorismo e do reacionarismo, alinhadas aos governos e ditaduras militares da região. A contraofensiva proposta era clara: a luta anticomunista nas universidades e nas escolas não poderia se restringir à mera resistência. Deveria ser convertida em guerra ao “inimigo comunista”, sendo lançada de maneira a garantir que nenhum espaço de educação fosse deixado à “subversão vermelha”.

Pacheco e Silva reforçou o papel da linha dura brasileira no cenário da extrema-direita latino-americana corporificada na CAL, delineando uma pedagogia contra os inimigos e “forças internacionais antipatrióticas”, isto é, o que criminalizava como comunismo e seus cúmplices.

2. Considerações finais

Este artigo evidenciou o papel central de Antonio Carlos Pacheco e Silva na execução de um projeto político-pedagógico extremista e exterminista. Orientado pela ideologia anticomunista da linha dura brasileira, Pacheco foi um dos principais responsáveis pela internacionalização do Brasil nas redes transnacionais anticomunistas da América Latina e do mundo durante a Guerra Fria. Sua atuação, no cenário nacional e internacional, foi essencial para a consolidação de uma rede de extrema-direita brasileira. Esta rede ultrapassou fronteiras, propondo combater o inimigo marxista e reprimir movimentos progressistas em escolas, universidades, partidos, sindicatos, igrejas e outros setores da sociedade civil-burguesa durante a Guerra Fria.

Ao longo deste estudo, verificou-se que Pacheco e Silva, um psiquiatra influente e dirigente do poderoso IPÊS paulistano, desempenhou um papel crucial no golpe de Estado e de classe 1964 –



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

forjando como parte o nexu FIESP-ESG –, servindo depois ao trabalho sujo do desmentido oficial dos crimes da ditadura militar brasileira. Depois do golpe de 1964 – exaltado em suas memórias –, Pacheco e Silva engajou-se mais estreitamente com a vertente da linha dura da *Ideologia 1964* (RAGO FILHO, 1998). Coordenado pelo também ex-líder ipesiano e então ministro da Justiça (1969-1974) Alfredo Buzaid – antigo integralista que, ao lado de Miguel Reale e Goffredo Telles Jr., estruturou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) junto ao Chefe Nacional do Sigma Plínio Salgado –, Pacheco e Silva integrou-se à negação oficial dos crimes de Estado e das graves violações de direitos humanos cometidas pela ditadura brasileira, que ajudara a instaurar via IPÊS.

Nos pós-1964, Pacheco e Silva continuou a exercer suas influências para além das fronteiras do Brasil. Ele foi o escolhido pela CAL, uma confederação das extremas-direitas da América Latina vinculada à Liga Mundial Anticomunista (WACL), como o porta-voz e o presidente da *Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas*. Se a WACL foi registrada pela literatura como o “II Anti-Komintern nazista” ou a “Internacional Neofascista”, seu órgão regional na América Latina, a CAL, liderado pelos antissemitas mexicanos de Guadalajara (os Tecos), notabilizou-se por congregar grupos paramilitares e de extermínio (MACHADO, 2022).

A CAL foi, em grande medida, um protótipo ou *asset* da Operação Condor, o pacto do terrorismo transnacional de Estado formalizado no Chile de Pinochet em 1975 e que congregou todas as ditaduras militares então vigentes na América do Sul (MACHADO, 2022). A esse tipo de grupos e indivíduos, peritos em ações (para)militares para o extermínio dos incriminados “inimigos comunistas”, ligou-se o professor combatente Pacheco e Silva, até o final de sua vida. A história desse ideólogo e homem de ação do reacionarismo brasileiro, ademais, infirma a crença de que o bolsonarismo configura a primeira ultradireita internacionalizada do país.

A atuação de Pacheco e Silva como porta-voz da pedagogia da CAL contra a “subversão vermelha”, sumariada na Resolução da Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas, revelou seu papel de liderança na formulação de estratégias que visavam não apenas a erradicação da presença comunista nas instituições universitárias e escolares, mas também a formação de uma juventude moldada para atuar como agente ativo na guerra anticomunista. A Resolução consolidou os planos de doutrinação e repressão como eixos centrais da pedagogia da extrema-direita latino-americana congregada no complexo CAL/WACL. Enquanto presidente da



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Comissão contra a Subversão nas Universidades e Escolas no II Congresso da CAL-Pública de 1974, Pacheco e Silva corporificou, portanto, um projeto político-pedagógico de caráter extremista e exterminista, destinado a combater e erradicar o que designou como a “subversão vermelha” nas instituições educacionais.

Sua proposta sugeriu a estruturação de um sistema de vigilância anticomunista transnacional, associado com repressão ativa para a “purificação” de universidades e escolas da “infiltração subversiva”, um perigo internacional que deveria ser combatido, guerrado, em escala global. Pacheco e Silva sublinhou então a necessidade de erradicar movimentos estudantis suspeitos do crime de comunismo, bem como de confrontar as ideologias progressistas junto ao clero e ao laicato católico com uma doutrinação rigorosa e anticomunista, transformando as instituições de ensino em baluartes da ideologia conservadora e reacionária, em defesa das ditaduras militares e dos governos autocráticos da América Latina. O objetivo era assegurar que a juventude não apenas resistisse ao comunismo, mas fosse moldada para atuar ativamente contra ele. Ao propor tais medidas, Pacheco e Silva singularizou a pedagogia de repressão promovida pela CAL, ilustrando, de maneira concreta, a inserção do Brasil no projeto da extrema-direita latino-americana em suas linhagens organizadas no órgão regional da Liga Mundial Anticomunista (WACL) na América Latina.

O ideário da guerra anticomunista de Pacheco e Silva se corporificou plenamente na síntese que ele elaborou para a CAL. Essa síntese foi apresentada na Resolução da Comissão contra a Infiltração Comunista em Universidades e Escolas. A luta contra o marxismo nas universidades deveria focar na conquista à “causa nacional” anticomunista da “mentalidade dos universitários” e impedir “o apoderamento pelo comunismo das universidades e da consciência dos universitários”. Caso a infiltração já tivesse ocorrido, a missão seria resgatar “a universidade das mãos do marxismo, tanto a instituição educativa como a comunidade que a integra”. A estratégia desta guerra psicológica, conforme sistematizada por Pacheco e Silva, envolvia minar a suposta “inevitabilidade” e “invencibilidade” do comunismo como força político-ideológica, caracterizando-o apenas negativamente como um instrumento de “escravização” de povos “livres”, um sistema que negaria Deus e a moral, e que apenas teria como prometer “uma promessa de bem-estar ‘amanhã, amanhã’, em troca de sacrifícios presentes”.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

A cartilha da CAL, conforme sumariada por Pacheco e Silva, também orientava para “um duplo recrutamento” que envolvia as “massas estudantis, pais e educandos”, além de “sacerdotes ou pessoas com influência no ambiente universitário”. Esse recrutamento era acompanhado pelo incitamento ao denunciismo, visando a identificação e “depuração” contínua de “agentes de infiltração e provocadores ao serviço do comunismo” nas fileiras anticomunistas. No processo de recrutamento e seleção dos quadros dirigentes, advertia contra a inclusão de “comunistas arrependidos ou ex-aliados confesos do marxismo”, sublinhando que, apesar do arrependimento, esses indivíduos teriam se convencido, mesmo que temporariamente, da “infrahumanidade marxista-leninista”. Dessa forma, a desumanização político-ideológica dos marxistas-leninistas – infrahumanos – serviria como um prelúdio ao extermínio de facto dos inimigos “subversivos vermelhos” e seus cúmplices.

A proposta de formação de um Instituto Latinoamericano de Formação Antimarxista foi inspirada pelos Tecos de Guadalajara. Estes eram anticomunistas e antisemitas que estruturaram o "capítulo" mexicano da WACL e controlavam a CAL. Embora o instituto não tenha se concretizado, a proposta revela a preocupação com a formação de quadros dedicados à guerra contra a "subversão vermelha". Esses quadros incluíam ideólogos e homens de ação.

A ação anticomunista nas universidades, pois, deveria concentrar-se na propaganda, doutrinação, proselitismo, seleção e capacitação de dirigentes, buscando disputar “aos comunistas palmo a palmo cada universidade latinoamericana”. A CAL, via Pacheco e Silva, recomendou então manter apoio a reitores, diretores educacionais e demais gestores e autoridades escolares que combatessem o “controle marxista na universidade”, com o objetivo de “evitar que qualquer marxista chegue à reitoria ou a cargos de direção universitária ou escolar”.

Além disso, era imperativo disputar “aos comunistas a direção das sociedades de alunos, círculos de estudos, federações ou centrais estudantis ou organizações internacionais de estudantes ou de jovens em geral”. Por fim, Pacheco e Silva criticou a “estratégia suicida” alegadamente então predominante no campo anticomunista no sentido de abandonar a educação aos comunistas. Os anticomunistas não deveriam “permanecer na defensiva”. Seria necessário eliminar a 'máfia marxista' infiltrada nas universidades e escolas, combatendo o 'boicote intelectual' imposto aos 'pesquisadores patriotas', que estariam sendo ignorados, perseguidos e discriminados nas áreas de



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Filosofia, Humanidades e Ciências Sociais. Segundo Pacheco e Silva, “as forças internacionais antipatrióticas” estavam, assim, comprometidas em “deformar o enfoque” das disciplinas sociais no ensino médio e superior.

Enfim, as considerações finais deste artigo reafirmam a relevância de compreender o legado de Pacheco e Silva e da CAL dentro do marco de um projeto anticomunista transnacional mais amplo e de longa duração, cuja pedagogia de repressão ainda ecoa nos debates contemporâneos sobre a educação e a memória da ditadura militar no Brasil contemporâneo. A análise crítica desse legado é essencial para entender as raízes da violência política dos Estados e das sociedades civis-burguesas da América Latina e de suas conexões globais. O projeto político-pedagógico anticomunista da CAL sumariado por Pacheco e Silva, como visto, ressoa tendências atuais como aquelas da Escola Sem Partido – “um projeto de embrutecimento social, abraçado pelas camadas mais reacionárias da classe dominante brasileira” (GOMES; FAEDA; PASSOS, 2023, p. 468) – e dos arautos e ex-ministros do bolsonarismo como a de um ex-ministro de Educação que, em 2022, bradou pela necessidade de “tirar as universidades das garras da esquerda” (COSTA, 2022).

Conclui-se, assim, que a extrema-direita brasileira não se internacionalizou e atacou a educação laica e humanista apenas no século XXI com o surgimento e entronização no poder do bolsonarismo. Pelo caso aqui analisado, ou seja, a longa militância de Pacheco e Silva e de sua pioneira conexão com o internacionalismo anticomunista da Guerra Fria, bem como seu alinhamento ao projeto político-pedagógico extremista e exterminista do complexo WACL/CAL, jogou-se luz sobre dimensões pouco conhecidas da história brasileira. Comprovando-se, pois, que o Brasil, de fato, apresenta um enorme passado pela frente, como assinalou o escritor e cartunista Millor Fernandes. (Re)conhecê-lo é tarefa do presente e projeto de um outro futuro a ser criado.

Buscou-se contribuir, assim, à conscientização histórica de que as articulações transnacionais das extremas-direitas e seu projeto obscurantista e anti-humanista configuram um plano político-pedagógico que, embora descontínuo, não deixa de recalitrar em uma história de longa duração. A conectar cruzados e cruzadas anticomunistas e antidemocráticas do século XX e do século XXI. A latência histórica contida nas franjas das extremas-direitas da Guerra Fria aqui analisadas, enfim, parece ter encontrado outro estágio de maturação histórico-social com o bolsonarismo e seus congêneres regionais e globais.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

Referências

COSTA, Cristyan. **‘Temos de resgatar as universidades da esquerda’**. Ex-ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, o filósofo Ricardo Vélez Rodríguez defendeu mais pluralidade no ensino. Revista Oeste, 18.12.2022.

DA SILVA, Vicente Gil. **Planejamento e organização da contrarrevolução preventiva no Brasil: atores e articulações transnacionais (1936-1964)**. 2020. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.

DA SILVA, Vicente Gil; SCHWARZ, Laura Maria Loss. **Wladimir Lodyginsky: a trajetória internacional de um militante anticomunista**. Revista Tempos Históricos, Vol. 26, n. 1 (2022), pp. 275-299.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

GOMES, Luiza das Neves. **Higiene mental e segurança nacional na obra de Antônio Carlos Pacheco e Silva**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, 2021.

GOMES; Marco Antônio de Oliveira; FAEDA; Krigor de Camargo Barela; PASSOS, Bruna da Silva. **Escola sem partido: um projeto de embrutecimento social**. Revista Germinal: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 15, n. 3, p. 468-481, dez. 2023.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda. Jornalistas e censores, do AI- 5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MACHADO, Rodolfo Costa. **Conspiração, golpe de estado e ditadura bonapartista: Alfredo Buzaid e o ‘Livro da verdade’ (1970)**. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Ano XI, abr/2016, n. 21.

MACHADO, Rodolfo Costa. **Por dentro da Liga Mundial Anticomunista – gênese e gestão da WACL: filonazistas, contrarrevolução asiática e o protótipo latinoamericano da Operação Condor (1943- 1976)**. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), 2022.

PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Resumo dos Relatórios da Viagem ao Estrangeiro Realizado em Maio, Junho e Julho de 1971 por A. C. Pacheco e Silva**. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_tt/0/mcp/avu/0356/br_rjanrio_tt_0_mcp_avu_0356.pdf.

RAGO FILHO, Antonio. **Ideologia 1964: os gestores do capital atrofico**. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>

TARELOW, Gustavo Querodia. **Antonio Carlos Pacheco e Silva**: psiquiatria e política em uma trajetória singular (1898-1988). Tese (doutorado), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2018.

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL (TSN). **Apelação. Apelantes: Ex-officio, Niels Christian e outros e Ministério Público. Apelado(s): Max Bernhardt Walter Bartels e outros.** 19/04/1943. Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_c8/0/apl/1431_v_01/br_rjanrio_c8_0_apl_1431_v_01_d0001de0001.pdf

Recebido em julho de 2024.

Aprovado em setembro de 2024.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 144-173, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263822>